

ABORTOS ESPONTÂNEOS E LUTO PARENTAL – REFLEXÕES PARA O CUIDADO PASTORAL MISCARRIAGES AND PARENTAL GRIEF – REFLECTIONS FOR PASTORAL CARE

Rafael Felipe Herter¹
Maximiliano Wolfram Silva²

Resumo: O tópico de estudo do presente trabalho é o aborto espontâneo, e o objetivo principal é investigar o impacto do luto para um pai e, principalmente, para uma mãe que perderam um filho durante a gestação. Deste modo, a pergunta que pretende ser respondida é como um pastor pode exercer melhor o cuidado pastoral diante do luto causado pela perda de um filho durante a gestação. Mães e pais que perdem seus filhos durante a gestação frequentemente recebem pouco ou quase nenhum apoio emocional durante esta difícil fase de suas vidas. Esta pesquisa terá uma abordagem qualitativa e, quanto aos seus objetivos, será de natureza exploratória. Para a coleta de dados, será usado como procedimento técnico de investigação a pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) (2020), Canoas, RS. Pós-Graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2022). Pastor em Pinhalzinho, SC. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2022).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) (2001), Canoas, RS, e pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo (2001). Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação. Mestre com ênfase em Teologia Sistemática e Teologia Prática (Aconselhamento e Educação), Concordia Seminary, Saint Louis, EUA (2005). Doutor em Teologia e Cultura pelo Concordia Seminary, St. Louis, USA (2019). Desde 2001, tem trabalhado com capelania e docência escolar e/ou universitária. Atualmente, é professor do curso de Teologia da Ulbra e capelão-geral da AELBRA, mantenedora da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

que, quando ocorre a interrupção da gestação, os pais entram em estado de choque, e diversos problemas emocionais surgem como consequência. A pesquisa indica que um elemento que dificulta bastante a resolução deste luto é o fato de não ser um luto socialmente reconhecido, porque para muitos, esse filho nunca chegou a existir. O sofrimento vivido cria a necessidade de um atendimento que traga consolo e sentido existencial, de maneira que os pastores podem se tornar fundamentais para a resolução desse luto. Nesse processo, o pastor precisa reconhecer a dor dos pais e demonstrar que a dor deles é real. A partir disso, cuidar deles com a palavra de Deus e se tornar um representante de Cristo, revelando quem ele é. Deve entregar os pais aos cuidados do Deus que conhece a angústia que eles estão passando e que os consola como um pai segurando seu filho no colo.

Palavras-chave: Aborto espontâneo. Vínculos parentais. Luto parental. Cuidado pastoral.

Abstract: The topic of study for the present paper is miscarriage and the main objective is to investigate the impact of grief for a father and especially a mother who have lost a child during pregnancy. Thus, the question that is intended to be answered is how a pastor can best exercise pastoral care in the face of grief caused by the loss of a child during pregnancy. Mothers and fathers who lose their children during pregnancy often receive little or no emotional support during this difficult time in their lives. The present research will have a qualitative approach and its objectives will be exploratory in nature. For data collection, the bibliographical research will be used as the technical procedure of investigation. The results of the research point to the fact that, when pregnancy interruption occurs, parents go into a state of shock and several emotional problems arise as a consequence. The research indicates that an element that makes it very difficult to solve this grief is the fact that it is not a socially recognized grief, because for many, this child never existed. The experienced suffering creates a need for a service that brings consolation and existential meaning, so that pastors can become fundamental in the resolution of this mourning. In this process, the pastor needs to recognize the pain of the parents and demonstrate that their pain is real. From this, care for them with the Word of God and become a representative of Christ by revealing who He is. He must deliver the parents

into the care of the God who knows the anguish they are going through and who comforts them like a father holding his child in his arms.

Keywords: Miscarriage. Parental bonds. Parental grief. Pastoral care.

INTRODUÇÃO

Você conhece alguém que passou por um aborto espontâneo? Pode ser que você não saiba, mas isso é mais comum do que imagina. Estima-se que essa perda ocorra em cerca de 20% das gestações, traduzindo-se em 44 perdas gestacionais a cada minuto no mundo (BERNSTEIN et al., 2022, p.135).

No meio desses números, é importante reconhecer que essa não é uma simples perda. Existe um relacionamento dos pais com esse bebê. Laços afetivos tão intensos são criados que, quando são quebrados pela notícia do aborto, geram diversos problemas emocionais, atingindo principalmente a mãe, que passa por processos de adaptação únicos da mulher. O processo do luto de alguém que perde um filho durante a gestação é tão real quanto a dor da perda de um pai, de uma mãe ou de um irmão. No entanto, como veremos no presente estudo, esse tipo de luto pode, muitas vezes, ser ignorado e tratado como uma dor “não real”, porque, para muitos, esse bebê nem chegou a existir. É uma dor que muitas vezes é silenciada pela indiferença ou descaso de familiares e amigos.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o chamado à paternidade/maternidade, os laços afetivos criados durante a gestação, a dor da perda e o luto. Diante disso, levanta-se a seguinte questão: como um pastor pode exercer da melhor forma o seu chamado para cuidar de alguém que está passando pelo luto pós-aborto espontâneo?

O CHAMADO À PATERNIDADE/MATERNIDADE

O desejo de ser pai ou mãe surge lá na infância, quando, por meio de brincadeiras e de forma criativa, como por exemplo, o famoso “brincar de casinha”, a criança imita a relação familiar que vive no cotidiano com os seus próprios pais. Comumente, as meninas projetam-se nesse papel

parental mais cedo do que os meninos, e esse desejo de criança inicia-se antes mesmo do saber sobre a sexualidade e sobre a procriação (FERREIRA, 2012, p.12).

Entretanto, do ponto de vista teológico, o desejo da maternidade/paternidade não acontece simplesmente do nada, mas está debaixo da criação contínua de Deus. A vocação de ser pai ou mãe não surge da própria vontade humana, mas vem de fora, ou seja, está fundamentada na obra criadora e provedora de Deus em sua criação.

Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: – Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na. Tenham domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1.27-28 – NAA).

Esses mandamentos foram ordenados aos nossos primeiros pais, Adão e Eva. O nome, Eva, reflete a ordem e a bênção de Deus: “Eva significa vida e, nesta condição, além de ser a mãe de seus filhos, tornou-se também a mãe original de toda a raça humana” (OLIVEIRA, 1985, p.26).

Klotz (1982, p.42) afirma que, sob a bênção de Deus, “sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra”, Deus não deu apenas uma ordem como também deu o poder para que a vida pudesse ter continuidade. “A presença de crianças é um sinal do ‘sim’ contínuo de Deus à sua criação, uma manifestação da relutância de Deus em nos abandonar ou se retirar do tempo e da história em que vivemos” (LCMS, 1984, p.31, tradução nossa).

Através destas ordenanças,³ o casal recebeu a função de continuar a criação e zelar por ela. Porém, no meio do caminho, o pecado trouxe alterações ao plano original de Deus, e uma das consequências é a esterilidade, que pode atingir homens e mulheres.

3 Em vista do comando bíblico e da bênção “sejam fecundos e se multipliquem”, espera-se que o casal casado não permaneça voluntariamente sem filhos. Mas, na ausência de uma proibição das Escrituras, não deve haver objeção à contracepção em uma união matrimonial que seja, como tal, frutífera. Certamente, pode haver circunstâncias especiais que persuadam um casal cristão de que seria mais responsável e melhor para todos, sob Deus, não ter filhos. Quaisquer que sejam as circunstâncias particulares, os cristãos não devem tomar decisões levemente nesta área de sua vida juntos, mas devem examinar seus motivos de forma completa e honesta, e tomar cuidado para que a decisão não seja influenciada por um desejo que apenas satisfaça seus próprios interesses ou por um desejo de satisfazer apenas interesses egoístas (CTCR, 1981, p. 19 – tradução nossa).

Na Bíblia há alguns registros de mulheres que eram estéreis, como por exemplo, Sara, mãe de Isaque; Rebeca, mãe de Esaú e Jacó; a mãe de Sansão, cujo nome não é relatado; Ana, mãe de Samuel; Isabel, mãe de João Batista. Não é à toa que essas passagens estão na Bíblia. Essas mulheres eram estéreis, porém, foram abençoadas por Deus com filhos, e estes foram usados por Deus para grandes propósitos. Esses são casos especiais que aconteceram na história, que revelam a mão criadora de Deus em cada gestação, concedendo a maravilhosa bênção da maternidade. Inclusive, podemos lembrar que, dentre todas as mulheres, uma delas foi escolhida para ser a mãe do Salvador de toda a humanidade.

O sábio rei Salomão, em exaltação à maternidade, disse: “Os filhos são um presente do Senhor; eles são uma verdadeira bênção” (Sl 127.3). Também o salmista Davi declara:

Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no ventre de minha mãe. Graças te dou, visto que de modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no culto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos viram a minha substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles ainda existia (Sl 139.13-16).

Davi reconhece que Deus forma o seu interior e usa o termo tecer, “tu me teceste no ventre de minha mãe” (v.13). O salmista, aqui, contempla com admiração e gratidão a obra da criação continuada de Deus, visto o modo assombrosamente maravilhoso com que Deus dá forma ao corpo humano. É algo incrível que Deus torna realidade através dos pais.

Com isso, a Escritura Sagrada deixa claro que a vida é dom de Deus e sua continuação também é. Assim como o mundo é criado por Deus, ele também é sustentado por ele. Deus zela por todas as suas criaturas, em especial pelo ser humano. Deus não é um operário que, no fim do seu trabalho, abandona tudo e vai para casa, mas ele governa e conserva todas as coisas (MUELLER, 2004, p.193).

Lutero confessa isso na explanação do primeiro artigo do Credo Apostólico.

Creio que Deus me criou a mim e a todas as criaturas; e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros, razão e todos os sentidos, e ainda os conserva; além disso me dá vestes, calçado, comida e bebida, casa e lar, esposa e **filhos**, campos, gado e todos os bens. Supre-me abundante e diariamente de todo o necessário para o corpo e a vida (LUTERO, 2021, p.389 – ênfase nossa).

No Catecismo Maior, ao comentar o Primeiro Mandamento, Lutero ainda afirma que as criaturas são “a mão, o canal e o meio pelo qual Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-los à criança” (LUTERO, 2021, p.417). Ou seja, a mulher foi coroada com a graça divina de ser mãe, assim como o homem de ser pai. “Além da função de auxiliadora e de esposa, a mulher tem a nobre missão da maternidade” (OLIVEIRA, 1985, p.25). Portanto, os pais são o meio pelo qual Deus tudo concede, inclusive a vida.

Ser pai e mãe, sem dúvida alguma, é ser um maravilhoso instrumento nas mãos do Senhor. Em geral, “a gravidez é um momento de grande alegria e felicidade na vida de uma mulher” (FERREIRA, 2012, p.3). Isso porque filhos são uma bênção incalculável do Senhor. Certa vez, o Senhor Jesus lembrou as alegrias que o parto traz com o nascimento de uma criança, e é isso que todo casal e toda família esperam com a chegada de um filho. Disse ele: “A mulher, quando está para dar à luz, fica triste, porque chegou a sua hora; mas, depois de nascida a criança, já não se lembra da aflição, pela alegria de ter trazido alguém ao mundo” (Jo 16.21).

No entanto, cabe dizer que existem homens e mulheres que, por diversos motivos, não podem ou não desejam ser pais. Esses são abençoados e servem a Deus e seus semelhantes de diversas outras maneiras, e nisso também cumprem o chamado de Deus para suas vidas.

Não importa a idade, o lugar ou o estágio da vida, viver a maternidade e a paternidade é um grande desafio para um homem e uma mulher. Além disso, também é um grande privilégio poder participar da geração de outra vida. É uma dádiva maravilhosa poder abrigar e cuidar de um ser tão pequenino e amado por Deus.

VÍNCULOS PARENTAIS

Por ser um dos acontecimentos mais marcantes na vida de uma mulher, especialmente se for do primeiro filho, as fantasias ligadas ao desejo de ter um filho constituem os primeiros laços entre a criança e os pais. Ao imaginar-se mãe, segurando o filho no colo, alimentando, cuidando, acarinhando, protegendo este bebê que carregou no útero durante nove meses, nasce uma ligação afetiva entre a mãe e o seu bebê.

Segundo Moreira (2008, p.31), tradicionalmente acreditava-se que a ligação afetiva entre a mãe e o filho era iniciada apenas a partir do nascimento, quando este bebê imaginário se torna visível e palpável. No entanto, hoje prevalece a ideia de que se começa a formar uma conexão afetiva com o bebê já durante a gravidez. Quando a mulher tem a confirmação que está grávida, em diversos momentos ela imagina e sonha com o filho que vem a caminho. Para ela, o que está no seu ventre não será um feto, mas, sim, o bebê perfeito que ela tanto idealiza. Raphael-Leff, citado por Moreira (2008, p.32) confirma este pensamento dizendo que ao lado da concepção de um filho, irá surgir uma criança imaginária, de modo que os pais começam a atribuir características ao bebê, pensar de quem ele vai herdar o nariz, a orelha, qual vai ser a cor dos olhos, e se baseiam nas reações e movimentos da criança para imaginar sua personalidade.⁴

O processo da gestação também provoca alterações físicas e psicológicas para que a mãe comporte outro ser humano em desenvolvimento. Moreira (2008, p.26) diz que são muitas as alterações que acontecem no organismo da mulher para que este se adapte à gravidez de forma adequada. Essas alterações também protegem o funcionamento fisiológico da mulher e satisfazem as necessidades de crescimento e desenvolvimento do feto.

Mendes (2002), citado por Moreira (2008, p.26-27), confirma que durante o início da gravidez as adaptações que mais se destacam ocorrem nos centros talâmicos e medulares, no sistema digestivo, no sistema urinário e nas glândulas mamárias. Essa adaptação ocorre devido à ação

4 No presente estudo se reconhece que a vida se inicia no momento da concepção. Portanto, a vida que está sendo gerada no ventre materno é um ser humano com todas as características e tão digna quanto de um recém-nascido. “Na ética bíblica, o feto não é um projeto de ser humano, mas é pessoa, e como tal deve ser tratado. Quando houve concepção, o casal não se prepara para a paternidade, mas os dois que iniciaram a vida do feto já são pais” (WARTH, 2002, p.132).

dos hormônios progesterona e estrogênio. Assim, os sinais e sintomas são fadiga; cansaço fácil e sonolência; possível náusea e vômito; aumento do corrimento vaginal; ganho de peso e aperto no peito com desconforto. Conforme a gestação progride, alguns sintomas desaparecem dando lugar a outros, como: “obstipação; fenômenos de hipotensão ortostática; cloasma gravídico; estrias gravídicas (abdômen, mamas e coxas); aumento de secreção sebácea e da sudorese; ocorrência de câibras e lombalgias”.

A gravidez é uma fase única na vida de uma mulher. É um período de crescimento e crise, o que pode ser muito enriquecedor. Para a maioria das mulheres, este é um momento de mudanças emocionais dramáticas, tanto positivas quanto negativas. Sentir-se ansiosa é normal, fazendo com que as gestantes precisem de ajuda extra para lidar com suas emoções. A mulher tem que passar por muita ansiedade, tem que integrar o feto à sua imagem corporal e se acostumar com os diferentes ritmos: metabólicos, hormonais e fisiológicos (MOREIRA, 2008, p.27).

Dessa forma, é inevitável que os pais criem um vínculo afetivo com o seu filho. Rolim e Canavarro (2006, p.258), citados por Moreira (2008, p.32), afirmam que este vínculo se torna cada vez mais forte ao longo da gravidez, especialmente no segundo trimestre, quando a mãe passa a sentir os movimentos da criança. Essa época também é importante para o pai, que agora pode sentir fisicamente o seu filho. Josué de Oliveira (1985) corrobora este pensamento ao comentar que, gradativamente, o amor de mãe nasce e cria raízes profundas pelo seu bebê. Ele diz o seguinte:

Saber a mãe que, em seu ventre, foi gerado um novo ser com as mesmas características dos pais, acompanhar a sua gestação durante 9 meses, sentir seus frequentes movimentos como que pedindo para sair, a fim de conhecer e habitar o mundo que Deus lhe destinou, acariciar essa criança pela superfície do ventre, preparar o enxoval, o berço, e o quarto para recebê-la, é algo maravilhoso e fascinante. Creio que destes fatos gradativos, nasce e cria raízes profundas o decantado e cristalino amor de mãe! (OLIVEIRA, 1985, p.34).

A respeito dos movimentos da criança, no segundo trimestre de gestação, Rato (1998) comenta que “os movimentos fetais, se, por um lado, podem assumir um papel tranquilizador na grávida que assim confirma a sobrevivência do bebê, por outro podem ser geradores de grande ansiedade

nos momentos em que a mãe não sente o bebê a mexer” (apud SANTOS, 2015, p.7). Dessa forma, o período gestacional carrega sentimentos ambivalentes, ou seja, além de carregar consigo grandes esperanças, sonhos e a concretização daquilo para o qual as mulheres foram chamadas, também carrega consigo sentimentos de medo de perder o bebê, ou medo de que algo possa correr mal.

O período da gravidez certamente envolve muitas emoções e diversas alterações físicas e psicológicas, além de uma mudança de identidade, de se conhecer dentro da maternidade e paternidade. Considerando o planejamento e o desejo de uma gravidez, é possível afirmar que antes mesmo da ocorrência da gestação, há uma conexão afetiva entre os pais em relação ao futuro bebê. Essa conexão se concretiza com a notícia da gestação e se fortalece ao longo de diversas etapas, à medida que o bebê vai se desenvolvendo dentro do útero e posteriormente, após o nascimento (MOREIRA, p.32).

Resumindo, antes e durante a gestação, pai e mãe criam laços de afeto, de amor, de sonhos e esperanças da chegada do seu filho ao mundo. De certa forma, muitos sonhos já são concretizados com a gravidez e os laços são fortalecidos à medida que a gestação progride e termina na alegria do nascimento.

A DOR DA PERDA E O LUTO

O “luto é uma reação natural à perda de qualquer pessoa, objeto ou oportunidade que era importante para nós” (COLLINS, 2004, p.407). Qualquer perda pode provocar sofrimento para aquele que perdeu, e esses sentimentos resultantes da perda são chamados de luto. Como o tema do luto é muito amplo, é preciso esclarecer que, neste estudo, a discussão envolve o luto ocasionado pela perda de um filho durante o período de gestação, independente do estágio.

Infelizmente, uma gestação nem sempre termina com a alegria da chegada de um filho. Por vezes, uma gestação é interrompida involuntariamente e provoca inúmeros sentimentos negativos tanto para a mulher, inclusive a considerar-se incapaz e inadequada à função inata para que nasceu (FERREIRA, 2012, p.3), como para o homem, que também sente

a dor de ter perdido um filho, que é uma dor real e bem profunda (RODRIGUES; HOGA, 2006, p.15).

A alegria de dar à luz é roubada pela dor de perder um filho durante a gestação. Perder um filho significa que o ciclo da vida foi rompido. A criança deveria nascer, crescer, envelhecer e só então morrer. A quebra desse ciclo “deixa os pais perdidos, sem amparo ou alicerce em relação à morte ou compreensão sobre o fato” (DUARTE, 2020, p.41).

A representação que temos de nossa existência é que nascemos, envelhecemos e morremos. Contudo, essa lógica é, às vezes, totalmente inversa. Bebês ainda no útero materno podem sofrer uma interrupção de seus impulsos de vida, lançando seus pais na incompreensão. A morte invade as maternidades e espaços onde não costuma, normalmente, ser pensada. E, parece-nos inevitável que vá exigir um trabalho de elaboração psíquica bastante singular, pois a representação do bebê que não nasceu vivo certamente apresentará dificuldades de se encaixar em nossas representações usuais (AGUIAR; ZORNIG, 2016, p.264-265).

Há uma quebra do ciclo “natural” da vida, onde os pais deveriam partir antes de seus filhos e os filhos deveriam sepultar os seus pais. É intrigante o fato de que podemos nomear algumas perdas, como por exemplo, “o filho que perde os pais é órfão, o marido que perde a esposa é viúvo. Porém, a dor dos pais que perdem um filho não tem nome, não tem cor, não é enxergada” (DUARTE, 2020, p.42). Como diz Collins, esse tipo de sofrimento nunca é fácil de enfrentar, e essa dor é tão grande que gera sentimentos de raiva, culpa, incompetência e autocondenação.

Cada tipo de perda parece provocar uma espécie diferente de sofrimento e de reação. Na vida adulta, a morte de um dos pais é o tipo de perda mais comum, sendo aquele com que lidamos melhor (principalmente quando a pessoa já era idosa) e cujo luto tem menor probabilidade de se tornar patológico. A perda do cônjuge é muito mais difícil. As cargas que antes eram divididas agora precisam ser levadas sem ajuda, e isso pode ser muito estressante. Ainda mais difícil é a perda de um filho. Os pais geralmente ficam com raiva, entram em depressão, se sentem culpados e incompetentes e se autocondenam por não terem sido capazes de proteger a vida da

criança (mesmo quando não havia nada que eles pudessem fazer para evitar a morte). Para os pais, a morte de um filho é “uma das perdas mais devastadoras” (COLLINS, 2004, p.410).

Para Bromberg (1996), citado por Gonçalves et al. (2021, p.436-437), “a morte de um filho traz efeitos sobre toda uma família”. Sabe-se que surgem sentimentos intensos e negativos, como tristeza, decepção e sentimentos de abandono em toda a família. Esses sentimentos são sentidos pela primeira vez de forma intensa durante o período de luto, o que dificulta a compreensão e o enfrentamento deles, pois a família nunca sentiu uma dor tão intensa e avassaladora; além desse sentimento, o medo e a sensação de desamparo diante do que aconteceu. O luto dos pais é frequentemente associado também à raiva, à culpa e à autorreprovação por sua incapacidade e impotência em impedir a morte, bem como a sensação de serem vítimas de uma injustiça, até mesmo da parte de Deus.

Semelhantemente, Freitas (2000, p.48) também comenta o quão difícil é a morte de um filho. Os pais se questionam sobre o que farão sem o filho que foi tão esperado e para o qual havia muitos sonhos e expectativas. Esses pais se sentem incompletos e precisam reorganizar a sua vida. Precisam aprender a lidar com o vazio e a solidão causados pela perda.

Conforme Aguiar e Zornig (2016, p.270), o vazio já é experimentado naturalmente pelas mães após o parto mesmo com o nascimento de uma criança viva, e a sensação de perda é consolada pelo bebê real que vai lhe ajudar a superar a estranheza de perder seu “bebê de dentro”. No entanto, as mães que perdem seus filhos durante a gestação experimentam duplamente o sentimento de perda e vazio. Elas não podem segurar seu bebê no colo, nem ouvir o seu primeiro choro ou dar o seu primeiro banho.

A triste realidade é que o aborto muitas vezes é tratado como perda socialmente negada. Isso significa que a sociedade não trata o aborto espontâneo como uma perda (WORDEN, 2013, p.12). Elaine Bitelbron (2013, p.158) relata que “essa perda não é vista pela sociedade como um luto real e que em alguns casos a mulher não se permite sofrer por esse luto”. E, continua, “há um investimento inicial das futuras mães em relação ao bebê que iria nascer, com o qual já iam se estabelecendo vínculos e a mãe já se imaginava exercendo a maternidade”.

Esses pais precisarão do apoio da família e de pessoas próximas. E não serão todos que conseguirão compreender o momento que esse casal está passando (ROSA, 2021, p.87).

A rede social, que cerca os pais que sofreram a perda, tem dificuldades de compreender a dor que estão sentindo, pois para eles é como se o bebê nunca tivesse existido. Espera-se um período de tristeza, mas normalmente não se atribui o mesmo status de morte de filho. Usualmente escutamos frases como “O tempo vai curar” e “Vocês ainda são novos, poderão ter outros filhos”. Frases como essas mostram como a tendência é uma subestimação ou descaracterização do fato (AGUIAR; ZORNIG, 2016, p.265).

Do mesmo modo, Haugk cita o caso de uma mulher que ouviu frases como: “Pelo menos você não se apegou” ou “Você pode ter outros bebês” (HAUGK, 2004, p.17). É triste e solitário para uma pessoa que está sofrendo saber que a dor dela não importa e ainda por cima, com isso, praticamente ser forçada a acreditar que a dor dela é inferior a outras. Infelizmente há essa minimização do luto e da dor da perda que os pais sentem. A falta de apoio com comentários como “Foi melhor assim” ou “Da próxima vez dá certo”, intensificam a solidão do luto, já que a mulher se sente culpada por não conseguir seguir adiante com a gestação e também angustiada em relação a pensar sobre uma nova gravidez.

É comum algumas pessoas pedirem para a mulher enlutada parar de chorar ou pedirem para ela, simplesmente, esquecer o que ocorreu e seguir a vida, ou seja, muitas pessoas não conseguem suportar nenhuma manifestação emocional inerente à perda. É ainda mais difícil, para algumas pessoas, compreender que há um luto que precisa ser realizado quando ocorre uma perda gestacional (LEMOS; CUNHA, 2015, p. 1134).

Pode-se ver isso no caso apresentado por Silva e Nardi (2011, p.122-124). O caso apresentado é de uma mulher de 26 anos, casada, no sétimo mês de uma gravidez planejada e desejada, e que durante um exame de ultrassom teve a notícia mais devastadora de sua vida, o bebê que tanto amou e esperou já não tinha mais vida. Além de se sentir sozinha, em um mar cheio de sugestões, porém vazio de respostas, sentia medo, culpa, se

questionava a respeito de ser uma péssima mãe e sofria de insônia. O que mais se destaca é que se sentia cobrada por parte de amigos e familiares a estar bem e a tentar uma nova gravidez, como se uma nova gravidez pudesse substituir o filho perdido. O pensamento a respeito de uma nova gravidez causava angústia, apesar de que até gostaria de tentar, mas ainda sentia muito medo de que tudo acontecesse de novo. Ainda sobre o apoio emocional recebido dos familiares e amigos, os autores descrevem que foi como se nada tivesse acontecido e nas vezes que tentou falar sobre o assunto, foi desencorajada porque era um assunto muito triste e que não deveria mais pensar a respeito disso.

Segundo a descrição deste relato de caso, foram realizadas doze sessões de atendimento clínico ao longo de três meses, sendo relatado que os sintomas de ansiedade e depressão reduziram, primeiramente, devido ao fato de poder falar de um assunto proibido, o que é característico dos lutos não autorizados (SILVA; NARDI, 2011, p.123).

Para Rosa (2021, p.88), as pessoas têm dificuldade em discutir a respeito da morte e da finitude, além de não entenderem que existe uma ligação afetiva e por não reconhecer o luto, especialmente no estágio inicial da gravidez, justamente por não ter algo visível para comprovar a perda. Heimann diz o seguinte a respeito do silenciamento existente ao falar-se de morte:

Mesmo que o diálogo entre vida e morte devesse ser permanente, por ser ela uma das poucas certezas humanas, o ser humano moderno ou pós-moderno parece que tenta, a todo custo, exorcizar a morte íntima e pessoal de sua consciência, reprimindo-a e negando-se a falar dela, o que não deixa de ser um paradoxo, pois nega a única certeza que temos na vida (HEIMANN, 2016, p.48).

A mulher procura descobrir quem é essa criança que ela gestou, visto que foi construída toda uma história a partir de suas expectativas, e quando não se concretiza esse sonho, é necessário que ela possa compreender aquilo que está perdendo. Portanto, falar sobre o assunto e ter um ritual do sepultamento ou despedida é de muita importância para a elaboração dessa perda.

No entanto, Aguiar e Zornig (2016, p.265) dizem que “a equipe de saúde, família e amigos tendem a privar os pais, especialmente a mãe, de

entender, sofrer e elaborar o luto”. Kennell e Klaus (1992), citados por Aguiar e Zornig (2016, p.266), afirmam que:

Quando um bebê morre, geralmente elimina-se rapidamente qualquer evidência da morte, o que torna sua comprovação ainda mais árdua de ser reconhecida e elaborada. Raramente instituições hospitalares oferecem práticas que possibilitem que pais e familiares possam se expressar e vivenciar livremente os sentimentos de luto. Não se costuma incentivar os pais a verem o bebê, nem mesmo a falar sobre o que aconteceu. Normalmente, após um óbito fetal, os pais podem contar com poucas recordações do filho, provocando com frequência uma sensação de irrealidade e vazio. Também observamos ser comum que outros familiares desmanchem o quarto do bebê e se desfaçam de pertences que já tinham sido adquiridos. Dessa forma, os pais (especialmente a mãe) são privados de um importante ritual, possivelmente aumentando ainda mais a solidão experimentada. Há um temor de que os poucos traços que o bebê deixou possam ser apagados.

O fato é que, na maioria das vezes, o luto é ignorado. “O que fica após a perda gestacional é o confronto com o vazio deixado por um bebê que não vai mais existir, cujos últimos vestígios foram eliminados” (LEMOS; CUNHA, 2015, p. 1134).

Portanto, como visto até aqui, a vida do homem e principalmente da mulher, fica totalmente desestabilizada durante o luto. Sentimentos de culpa, medo e solidão estão muito presentes e precisam ser levados a sério, como um luto real pela perda de um filho. A assistência a uma família que acabou de perder o seu filho é muito importante para que estes possam expressar a sua dor e os seus sentimentos. Isso lhes dará forças para encararem a perda (SCHEIBLER, 2010, p.23).

Ainda, Scheibler (2010, p.24) comenta que o dia que sucede a morte, “sem dúvida não é um dia qualquer para o enlutado. O profissional que pode melhor lidar com esse acontecimento é o líder religioso. É dele que se espera essa assistência, estando ele preparado ou não”. E se ele estimular a pessoa a falar sobre esses sentimentos ela terá mais chances de elaborar e superar o luto. Clinebell reforça que:

Pastores são os únicos profissionais treinados em aconselhamento que têm entrada automática para o mundo da maioria das pessoas

contristadas. [...] Cabe aos pastores desenvolver alto grau de competência na poimênica e no aconselhamento em casos de perda (CLINEBELL, 1987, p.211).

Como visto, a perda pode acarretar muita dor e sofrimento para a mulher que o estava gestando, justamente pelo fato de criar uma idealização de seu filho. Pode gerar conflitos tanto para a mãe quanto para o pai, sendo que ambos se encontram em desamparo diante da perda. Assim sendo, vê-se o quanto é importante e necessário que esses pais tenham algum apoio emocional que possa ajudá-los a passar por esse momento delicado do luto, aceitar a perda e reorganizar suas vidas.

O CUIDADO PASTORAL NO LUTO DE ABORTOS ESPONTÂNEOS

O objetivo do que é aqui apresentado não é dar uma receita pronta, com um passo a passo de como o pastor conselheiro deve agir, mas examinar formas de como o pastor pode exercer melhor o cuidado pastoral nesses momentos de luto. Cada caso vai exigir a sensibilidade do pastor e uma abordagem diferente. No entanto, o cuidado pastoral sempre envolve cuidar das pessoas com a palavra de Deus. Jesus Cristo “é o princípio central do ministério pastoral, o princípio abrangente que integra todas as tarefas” (HANSEN, 2001, p.13).

Visto que esse luto é frequentemente ignorado pelas pessoas que deveriam demonstrar apoio, é importante o pastor demonstrar empatia, reconhecer a dor dessa mãe e desse pai enlutados, também da família, colocando-se ao lado como alguém que está pronto para dar apoio em um momento de extremo sofrimento e estando à disposição para ouvir suas incertezas, os seus medos, seus sentimentos de culpa, e, o mais importante, deixá-los vivenciar o seu luto. Como afirma Heimann (2016, p.49): “O que talvez alguns não percebam é que quanto mais se interdita o tema da morte no discurso do cotidiano, por temer o desconforto que o tema pode causar, tanto mais força e poder a morte acabará tendo sobre quem a reprime”. Dessa forma, é importante que o pastor seja um facilitador, que deixe ou crie espaços para falar sobre a morte e a perda para que os pais possam compreender o que foi perdido.

Um maravilhoso exemplo pastoral é o próprio Jesus, que foi enviado ao mundo e personifica o maravilhoso amor de Deus pela sua criação. Este ato de Deus através de seu Filho, Jesus Cristo, revela profunda empatia, já que assume a natureza humana e se compadece da fraqueza da mesma. Dessa forma, a encarnação de Cristo revela o maior ato de empatia que o universo já testemunhou.

Tendo, pois, Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que adentrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado (Hb 4.14-15).

O cuidado ao ser humano é um dos grandes exemplos da ação amorosa de Deus no mundo. Desde o ato da criação, passando pelo cumprimento da obra salvífica de Jesus na cruz, até a promessa de sua presença em “eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28.20), Deus é conhecido como aquele que cuida, protege, guarda, consola e ampara o ser humano em todos os momentos da vida. Esse cuidado Deus também estende através das relações entre as pessoas. “O cuidado mútuo entre os seres humanos, de modo especial entre a família da fé, personifica a vivência concreta do amor de Deus entre o seu povo (HEIMANN, 2022, p.312).

O pastor conselheiro deve ajudar as pessoas a perceberem o amor e a empatia do bom Pastor, Jesus. Como Jesus afirma no início de seu ministério: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mt 5.4). A empatia é uma ótima ferramenta e deve estar presente na pessoa e na ação do conselheiro. Jesus também disse: “apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17). A ovelha necessita do pastoreio para sobreviver e se desenvolver.

Dessa forma, a atividade do pastor não se limita aos momentos alegres junto aos que estão sob os seus cuidados, também abrange os momentos de extremo sofrimento. Como diz o apóstolo Paulo: “Alegrem-se com os que se alegram e chorem com os que choram” (Rm 12.15).

Ao vivenciar o luto, também pode surgir sentimento de revolta, e muitas vezes Deus pode ser culpado pelo sofrimento, surgindo perguntas como: “Porque um Deus de amor faria isso comigo?” Muitas vezes, esse

sentimento pode chamar a atenção do pastor, que prontamente ajudará a acolher essa angústia e eventualmente encontrar uma palavra de fé e consolo para essa pergunta.

Gonçalves et al. (2021, p.437) cita o caso de uma mulher cuja fala revela sentimentos de revolta e de culpa, que serão comentados mais adiante. A mulher disse o seguinte:

No calor do momento a gente fica sem cabeça e pensa que pode ser castigo de Deus, a gente fica se perguntando, por que comigo? O que aconteceu? O que eu fiz? Por que eu não tive minha filha em meus braços? Fiquei um pouco desacreditada em relação à religião. Questionava muito Deus do porquê tinha acontecido tudo isso.

No entanto, a difícil tarefa de pastorear também exige que o pastor entenda que a arte de pastorear é um ministério sem todas as respostas. Na tentativa de querer dar uma resposta, mesmo sem tê-la, pode ser que se fale algo que não deveria ter sido dito. O pastor deve ser tranquilizado de que nem sempre terá todas as respostas, no entanto, deve confiar na ação da palavra de Deus.

Nesse caso, David Hansen (2001, p.26-28) chama a atividade do pastor de “parábola de Jesus Cristo”. Dessa forma, Jesus mesmo disse: “Quem recebe vocês é a mim que recebe; e quem recebe a mim recebe aquele que me enviou” (Mt 10.40). Assim como Jesus é a Parábola de Deus e no processo revela Deus às pessoas, os pastores são parábolas de Jesus Cristo, que o revelam e o entregam. Ou seja, o pastor entrega às pessoas algo que não é ele próprio e, no processo, entrega as pessoas às mãos de Deus.

Pensando dessa forma, a pessoa do pastor parece que nem está lá no momento do aconselhamento, mas verdadeiramente é Deus que age através do pastor. Assim, mais uma vez, é possível observar como Deus age por meio de pessoas imperfeitas e pecadoras para manifestar o seu amor.

Görl (2022)⁵ comenta que um aconselhamento só é pastoral quando tem como objetivo conduzir a pessoa a Jesus e colocar Jesus no palco da

5 Fala do professor Leonidio Schulz Görl na disciplina de Aconselhamento Pastoral, Seminário Concórdia, out. 2022.

ação. É quando desaparece a pessoa do conselheiro e permanece a pessoa de Jesus. O verdadeiro resultado do “aconselhamento pastoral” nunca surgirá da capacidade do conselheiro, porém do poder de Jesus.

Assim, quando os pais questionam o pastor a respeito de Deus e do porquê isso aconteceu, é uma maneira de questionar o próprio Deus. O que não é ruim, pelo contrário, mesmo que não se conheça todos os planos de Deus, é uma ótima oportunidade de orientá-los à prática da oração no momento de angústia. O próprio Deus ordena que todas as aflições sejam postas diante dele em oração e dá a certeza de que as ouvirá.

No salmo 50.15 está escrito assim: “Invoque-me no dia da angústia; eu o livrarei, e você me glorificará”. E o profeta Isaías diz o seguinte: “Antes mesmo que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Is 65.24). Lutero comenta que:

As nossas orações alegam a Deus porque ele as ordenou, fez promessas e deu forma às nossas orações. Por isto, ele se alegra com as nossas orações, ele as requer e tem prazer nelas; pois as promete, ordena e forma. Portanto, somente a oração do piedoso é uma oração em favor das excelentes promessas de Deus, visto que sabemos que elas são aceitáveis e agradáveis. Mas a oração do ímpio é pecado. Deus não enoja das orações dos piedosos. Por essa razão, a oração do piedoso é semelhante ao mais atrativo aroma que alguém não se cansa de cheirar. Então Deus diz: “Eu os ouvirei”. Isto, não é somente garantido, na verdade, já está obtido (AE 17.393) (BÍBLIA DA REFORMA, 2017, p.1179).

A oração é muito importante nos momentos de aconselhamento pastoral. Através da oração expressamos os desejos do nosso coração a Deus” (SCHEIBLER, 2010, p.26-27).

Na angústia aprende-se a orar. A oração de uma pessoa que deposita verdadeiramente sua fé em Cristo tem um efeito muito tranquilizador sobre nossos problemas. Não se ora apenas por orar, mas clama-se para que Deus realmente guie os caminhos, sabendo que estes já estão traçados por Deus (SCHEIBLER, 2010, p.26-27).

Lutero também entende a oração como parte importante na vida do cristão. Ele diz:

Também este ato cabe ao cristão: que ele ore. [...] Assim também o fato de diariamente nos encontrarmos em toda espécie de risco e carência nesta vida, os quais não podemos evitar, faz com que sempre precisemos invocar a Deus e buscar auxílio tanto para nós como para todo o mundo (LUTERO, 1995, p.117).

O uso da oração é fundamental no cuidado pastoral, “pois ela nos leva diretamente para os braços do Pai” (SCHEIBLER, 2010, p.28). Apesar de que as pessoas falham em ajudar e ser apoio nos momentos de aflição, é profundamente confortador saber que Deus está sempre pronto para ouvir e para consolar aquele que está aflito (SCHEIBLER, 2010, p.28).

De igual forma, sentimento de culpa e medo também devem ser colocados em oração. Afinal, de onde vem a culpa? Como visto anteriormente, sensações de culpa podem estar relacionadas a diversos fatores, como a incapacidade de gerar uma nova vida, incapacidade de cumprir o papel para o qual foram chamados, culpa por não ter protegido ou a culpa pela dúvida de não saber se fez algo de errado. Além do mais, as representações sociais e religiosas que muitas vezes pressionam a mulher a ser mãe podem desencadear esse sentimento de culpa. Muitas vezes mãe e pai se afundam num sentimento de culpa, perguntando-se o que fizeram de errado para merecer tal castigo, tanto antes como durante a gravidez. A mãe pode, por exemplo, se questionar se o vinho que tomou ou a partida de vôlei que jogou provocou a morte do filho. Neste momento, o pastor é de extrema importância. Como um verdadeiro cura d’almas, o pastor tem a oportunidade de ouvir as angústias do pai e da mãe e estender o consolo de Deus.

Nos relatos bíblicos, quando uma mulher não era abençoada com o dom da fertilidade, era desprezada e achava-se em desgraça, como um castigo de Deus. Essa verdade também vale para os homens. Na igreja, não é incomum ouvir sobre alguém que passa por momentos difíceis: “Deus castigou” ou “deve estar em pecado”. No evangelho, conforme Lucas 13, Jesus cita um fato que aconteceu entre os galileus: a queda da Torre de Siloé, que matou 18 pessoas. Jesus pergunta: “Vocês pensam que eles eram mais culpados do que todos os outros moradores de Jerusalém?” (Lc 13.4). A resposta de Jesus é óbvia: é claro que não. Assim como no exemplo de Jesus, quando falamos sobre infertilidade, ou problemas em

dar continuidade a uma gestação, perceberemos que são raros os casos em que ela é apresentada como Juízo de Deus.

Para Görl (2022), é importante que o pastor identifique essa chamada “teologia da glória” presente na vida do povo e que é dominante no mundo evangélico. Com isso, o pastor pode não apenas trabalhar os sintomas, ao fazer uso de diversas ferramentas como a psicologia, mas também ressignificar quem Deus é e ajudá-los a terem um relacionamento com ele.

Como mediadores de salvação e crescimento espiritual, eles [os pastores] ajudarão as pessoas em crises e conflitos a descobrirem uma vida plena vivida num relacionamento com Deus, cujo amor eterno está sempre disponível em Cristo Jesus, mesmo em meio às terríveis crises e tempestades da vida (GÖRL, 2022, p.34).

Surpreendentemente, é em meio ao sofrimento que o Deus amoroso se revela. Scheibler diz que

A morte do Filho de Deus nos tira do pecado e oferece-nos a vida. Muitos textos bíblicos nos comprovam que a morte de Cristo pelo pecador é realmente uma morte em favor da vida, como vemos em Mt 20.28: “Tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”. Esta é a maior prova de amor que podemos ter. Quando Deus nos criou no Éden, nos criou em perfeição, sem pecado. Porém o homem peca, se desvincula e se afasta de Deus. Mesmo assim Deus não julga e condena o ser humano, como ele deveras merecia, mas oferece em favor dos pecadores o Seu Filho, para que este recupere o vínculo de Deus com seu povo novamente (SCHEIBLER, 2010, p.21-22).

Cristo oferece consolo para todas as pessoas por meio de sua cruz. O instrumento que para muitos representa fraqueza e morte, Deus, por meio do sofrimento e morte do seu Filho, transforma em força e vida. “Todo o horror que nos assombra é minimizado em Cristo e na sua obra” (SCHEIBLER, 2010, p.22).

Todo o vazio e solidão deixado pela morte de um filho é preenchido pela certeza de que Deus conhece o sofrimento de quem passa pela dor da perda e ama profundamente a ponto de entregar o próprio Filho, Jesus Cristo, à morte para salvar todos os pecadores e dar a eles a vida eterna,

inclusive para o filho que foi tanto amado e esperado durante a gestação. Essa é a misericórdia de Deus.

Para Hoffman (2013, p.31), a promessa da presença do Senhor é um grande alívio para a alma enlutada. Deus não abandona o seu povo e sempre o quer ajudar. O luto termina e o seu lugar é ocupado por novos sentimentos de força, coragem, alegria e, especialmente, fé em Jesus, que ressuscitou, tornando-se a garantia de que todos irão ressuscitar um dia para viver com ele na eternidade. Afinal, ele afirmou e prometeu: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente” (Jo 11.25-26).

Portanto, o pastor conselheiro é servo de um Senhor que convida: “Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). Certamente não é uma tarefa fácil, mas o pastor precisa ajudar essa mãe e esse pai a passar por este luto de forma saudável, com confiança em Deus, de que ele ouve todos os pedidos e também os desabafos que possam ter. Mas Deus certamente conhece o sofrimento pelo qual estão passando e conforta com seu precioso evangelho o coração que está machucado, ao dar a certeza de perdão, salvação e da vida eterna com ele.

CONSIDERAÇÕES

Como se pode notar ao longo deste trabalho, é uma alegria imensa gerar uma nova vida sob a bênção e o poder de Deus. Os pais sonham e se preparam para a chegada de um filho, até mesmo antes de se comprovar uma gravidez. A ideia de família muda com a chegada de mais um membro. O corpo da mulher se adapta para aconchegar e permitir o desenvolvimento do bebê. O marido deixa de ser apenas marido e agora se torna pai. A esposa deixa de ser apenas esposa e agora se torna mãe. Todos os esforços do casal são investidos no bebê que está sendo gerado no ventre materno.

No entanto, nem sempre a gestação vai até o final. Muitas vezes ela é interrompida de forma involuntária no meio do percurso, e todas as esperanças e sonhos morrem junto com o filho. E essa perda gera uma dor e um vazio tão grande nos pais, principalmente na mãe, que terá que passar por todo um processo de adaptação.

Como visto, o luto ocasionado pela perda de um filho durante a gestação é uma das piores dores pela qual alguém pode passar. Não conseguimos atribuir um nome adequado para alguém que teve uma perda gestacional devido ao tamanho da dor causada. O que mais choca ao pesquisar sobre este tema é o quanto não estamos preparados para lidar com a morte e o luto. Até esperamos um período de tristeza, mas como não existe muitas vezes um corpo para ser sepultado, ignoramos este luto como se não fosse uma dor real. No entanto, é tão real que possui consequências reais na vida dos pais, como sentimento de culpa, medo, revolta, vazio e solidão, podendo progredir caso o luto não seja vivido de forma saudável.

A grande questão acerca deste trabalho era como um pastor/conselheiro pode exercer da melhor forma o seu chamado para cuidar de alguém que está passando pelo luto pós-aborto espontâneo. A partir das leituras feitas e do presente trabalho, chega-se à conclusão de que a presença do pastor que personifica o amor e o cuidado de Jesus, o nosso Bom Pastor, é de fundamental importância para levar consolo aos pais que estão sofrendo.

O pastor pode usar de muitas ferramentas para tratar do caso, mas a ferramenta própria do pastor é a palavra de Deus. O propósito do pastor é levar Cristo ao encontro das pessoas, juntamente com os seus sofrimentos, afinal, quem além de Cristo pode conhecer de forma completa as angústias e os sofrimentos pelos quais estão passando? Inclusive, a oração é de extrema importância nesses momentos em que a solidão é sentida na sua forma mais intensa. A oração é ordenada por Deus, e ele também garante que a ouve antes mesmo que as palavras saiam de nossa boca, e a atende antes mesmo que a façamos.

Muitas vezes somos falhos em cumprir nossos deveres com aqueles que sofrem, de chorar com os que choram, queremos fugir disso e apenas nos alegrar com aqueles que estão alegres. Mas Deus, em Jesus Cristo, revela o seu grande amor por toda a humanidade e promete consolar/aliviar todos aqueles que estão cansados e sobrecarregados de levar as pesadas cargas que o pecado traz para a nossa vida. Portanto, devemos pedir a Deus em oração que nos dê mais amor, compreensão diante da realidade da morte e que possamos ser excelentes instrumentos de Deus no cuidado com aqueles que sofrem a perda do seu filho durante a gestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Helena Carneiro; ZORNIG, Sílvia. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. *Estilos clin.* São Paulo, v. 21, n. 2, p. 264-281, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 out.2022.
- BERNSTEIN, Christofer Adiel et al. Impacto psicológico no pós-aborto espontâneo: uma revisão narrativa. *Promoção e proteção da saúde da mulher ATM* 2024/2. p.135-150, 2022. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/236714/001137340.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 7 set.2022.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo da Reforma*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BITELBRON, Elaine Ramos, KRUEL, Cristina Saling, DOTTO, Fernanda Real. Maternidade interrompida: vivências de mulheres que passaram pelo processo de aborto espontâneo. *Disciplinarum Scientia*. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v.14, n.2, p.157-171, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1755>>. Acesso em: 10 out.2022.
- CLINEBELL, J. Howard. *Aconselhamento Pastoral*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- COLLINS, Gary R. *Aconselhamento cristão: edição século 21*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CTCR. *Human sexuality: a theological perspective/Commission on Theology and Church Relations of the Lutheran Church-Missouri Synod – CTCR*. [S.l.: s.n.], 1981. 39 p.
- DUARTE, Melissa Maria de Oliveira. *O sangue que ninguém quer ver: reportagem digital sobre a história de mulheres que sofreram aborto espontâneo*. 2020. 98 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28345/1/2020_MelissaMariaDeOliveiraDuarte_tcc%20%281%29.pdf>. Acesso em: 10 out.2022.
- FERREIRA, Sofia Madaleno. *Tornar-se mãe para deixar de o ser: estudo qualitativo sobre aborto espontâneo*. 2012. Disponível em: <<https://>

repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2596/1/14502.pdf>. Acesso em: 15 set.2022.

FREITAS, N. K. *Luto Materno e Psicoterapia Breve*. São Paulo: Summus, 2000.

GONÇALVES, Bruna Isabelly Vaz; BARBOSA, Aline Maria da Silva Costa; SIMÕES, Ivandira Anselmo Ribeiro. Vivência da religiosidade após-aborto espontâneo. v.21 n.4 (2021): *Enfermagem Brasil*. Disponível em: <<https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/5063>>. Acesso em: 4 nov.2022.

GÖRL, Leonídio Schulz. Aconselhamento pastoral. In.: *Aconselhamento pastoral: reflexões e práticas sob a ótica da cruz*. SONNTAG, Gabriel (Org.). Porto Alegre: Concórdia, 2022.

HANSEN, David. *A arte de pastorear*. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd, 2001.

HAUGK, Kenneth C. *A time to grieve: Journeying through Grief*. Book one. Stephen Ministries St. Louis. 2004.

HEIMANN, Thomas. Aconselhamento aos cuidadores: o cuidar de si para cuidar de outros. In.: *Aconselhamento pastoral: reflexões e práticas sob a ótica da cruz*. SONNTAG, Gabriel (Org.). Porto Alegre: Concórdia, 2022.

_____. Quando “ela” sequer é mencionada. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo: Unisinos, ano 16, n.496, 2016. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao496.pdf>>. Acesso em: 1º nov.2022.

HOFFMAN, Waldyr. O luto termina... In.: *Mensageiro luterano*, v.96, n.11, nov.2013), p.31.

LCMS. *Abortion in Perspective*. A Report of the Commission on Theology and Church Relations of The Lutheran Church Missouri Synod as prepared by its Social Concerns Committee. May, 1984.

LEMONS, Luana Freitas Simões; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Concepções sobre morte e luto: experiência feminina sobre a perda gestacional. *Psicologia: ciência e profissão*, v.35, n.4, p.1.120-1.138, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/hdydgBr4rBQJthMgXSf3q5n/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 out.2022.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. Trad. Arnaldo Schüler. In.: *Livro de Concórdia*. Comissão Interluterana de Literatura (CIL) (Ed.) São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

- _____. O Pai-Nosso, Comentários a Mateus 6.5-15. In.: *Obras Seleccionadas*, v.5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- MOREIRA, Maria Isabel Ventura Araújo. *As lágrimas por um filho que nunca se conheceu. Cuidar a mulher em situação de aborto espontâneo*. Mestrado em Ciências de Enfermagem. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS). 2008. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7254>>. Acesso em: 17 out.2022.
- MUELLER, John T. *Dogmática Cristã*. Trad. Martinho L. Hasse. 4.ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Concórdia, 2004.
- MUZA, Júlia Costa et al. Quando a morte visita a maternidade: atenção psicológica durante a perda perinatal. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v.15, n.3, p.34-48, dez.2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516=36872013000300003-&lng=pt&nrmiso>. Acesso em: 8 out.2022.
- OLIVEIRA, Josué Alves de. *A mulher nos planos de Deus*. Santos: Academia Evangélica de Letras, 1985.
- RODRIGUES, M.M.L., Hoga LAK. Aborto espontâneo e provocado: sentimentos vivenciados pelos homens. *Rev. Bras. Enferm.*, jan.fev.2006, 59(1):14-9. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/WBYjrWx-8t7HCsQsYsDm5dTh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 nov.2022.
- ROSA, Beatriz Grupp da. Perda gestacional: aspectos emocionais da mulher e o suporte da família na elaboração do luto. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, [S.l.], v.9, n.2, p.86-99, jan.2021. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/317>>. Acesso em: 16 out.2022.
- SANTOS, Santos, D. P. B. D. *A elaboração do luto materno na perda gestacional* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. 2015. <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20463/1/ulfpie047422_tm_tese.pdf>. Acesso em: 20 out.2022.
- SCHEIBLER, Mauro Altair. *Uma perspectiva cristã da morte e do luto*. [orientado por] Paulo G. Pietzsch. Canoas, 2010/1. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Universidade Luterana do Brasil. 2010.
- SILVIA, A. C. de O.; NARDI, A. E. Terapia cognitivista-comportamental para perda gestacional: resultados da utilização de um protocolo terapêutico para luto. *Rev. Psiq. Clín.* 2011; 38(3):122-4.

WARTH, M. C. *A ética de cada dia*. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

WORDEN, James W. *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental*. Trad.: Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. São Paulo: Roca, 2013.